# ASPETOS SOCIOCOGNITIVOS DA VARIAÇÃO E DA MUDANÇA SEMÂNTICA: *HAVER* E *TER* EM ESTRUTURAS DE POSSE

## SOCIO-COGNITIVE ASPECTS OF SEMANTIC VARIATION AND CHANGE: HAVER AND TER IN POSSESSION STRUCTURES

Maria José Carvalho
FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA, PORTUGAL
mariac@fl.uc.pt

Como é sabido, em português europeu contemporâneo, a noção de posse é expressa com o verbo *ter*, confinando-se *haver* às estruturas existenciais. No português medieval, *teer* e *auer* como verbos providos de conteúdo lexical eram usados frequentemente no mesmo contexto, sem que houvesse diferenças significativas entre eles. Os estudos sobre estes verbos em estruturas de posse são abundantes, mas as motivações e condicionamentos da gradual substituição de *auer* por *ter* não foram ainda suficientemente esclarecidos. A nossa análise baseia-se na tipologia efetuada por Silva (1995), quanto à natureza semântica do complemento do predicado: estruturas do tipo AM e estruturas de tipo AI. Num *corpus* de natureza jurídica, analisámos a evolução desta substituição gradual de *auer* por *ter*, tentando responder a duas questões: por que motivo o verbo *ter* começa por substituir *auer* nas estruturas de posse do tipo AM? Por que condicionalismos externos (sociais, cognitivos ou culturais) *ter* avança para expressões do tipo AI ao longo do século XV?

**Palavras-chave**: Cognição, Semântica cognitiva, Semântica histórica, Variação e mudança semântica

In contemporary European Portuguese, as we know, the notion of possession is expressed by the verb *ter*, with *haver* confined to existential structures. In medieval Portuguese, *teer* and *auer*, when they had lexical content, were often used in the same context, with no significant differences between them. There have been numerous studies on these verbs in possession structures, but the reasons and conditions for the gradual substitution of *auer* by *ter* have still not been explained. The present analysis is based on Silva´s (1995) semantic typology of the complement of the predicate: AM-type structures and AI-type structures. In a corpus of juridical documents, we have analyzed the evolution of this gradual replacement of *auer* by *ter*, attempting to answer two questions: what was the reason that *ter* began to replace *auer* in AM-type possession structures?, and what were the external conditions (social, cultural and cognitive) whereby *ter* moved into AI-type expressions during the 15th century?

**Keywords**: Cognition, Cognitive Semantics, Historical Semantics, Semantic Variation and Change.

*In Memoriam Rosa Virgínia Mattos Silva*

## 1. Introdução

Como é sabido, em português europeu contemporâneo, a noção de posse é expressa com o verbo *ter*, confinando-se o verbo *haver* a estruturas tipicamente existenciais (ex: «*Há* muita pobreza no mundo»). Contudo, no português medieval, *teer* e *auer* como verbos providos de conteúdo lexical eram usados frequentemente no mesmo contexto, sem que houvesse diferenças significativas relevantes entre eles. Os estudos sobre estes verbos (*tener* e *haber*, em castelhano) em estruturas de posse, nessa fase da língua portuguesa, são abundantes, mas as motivações e condicionamentos da gradual substituição de *auer* (< HABERE) por *ter* (TENERE) não foram ainda esclarecidos.

Relativamente à língua castelhana, e sobre os fatores sociais que estiveram na origem da distribuição destes dois verbos, pronunciou-se já Eva Seifert num trabalho, que se tornou clássico, onde propõe para "tener" a aquisição de um sentido de posse ligado aos favores jurídicos associados ao regime feudal da propriedade, que terá levado os notários a progressivamente adotar o verbo *teer*. Considerando que «las innovaciones de orden administrativo y las relaciones feudales exigieron un vocabulario nuevo» (Seifert, 1930: 245), a Autora prova que já no século XI um documento jurídico se revela precioso por «emplear *habere* designando la propiedad por herencia y *tenere* la posesión en feudo» (ídem, *ibidem*: 247).(1)

Quanto aos fatores linguísticos que converteram *teer* de "ajudante em usurpador", e após ter traçado a evolução semântica destes verbos na língua espanhola, desde a língua latina até ao século XX, a mesma autora afirma que a substituição de "aver" por "teer" foi motivada pelo facto de «ser ambos verbos desprovistos de sentido propio, funcionando como cópula expresiva de una idea vaga de acción o posesión» *(ibidem*: 384).

No que diz respeito à língua portuguesa propriamente dita, a tentativa pioneira de contribuir para o esclarecimento de «um dos mais escuros pro-

(1) A mesma ideia foi apresentada por Said Ali: «A noção feudal de *tenere*, que creou os têrmos franceses *tenant*, *tenancier*, reproduz-se em Portugal com o verbo *ter*». (Ali, 1957[5]: 120). José de Azevedo Ferreira testemunha que: «dans un document du XI[e] siècle apparaît déjà la distinction entre *habere* désignant la propriété par 'herencia', et *tenere*, la possession en 'feudo'. Ce sera peut-être le reflet d'un nouvel ordre juridique, en conséquence d'un nouvel système politico-social qui s'instituait à cette époque – la féodalité – et, en conséquence, la langue essayait de traduire les nouveaux concepts par de nouveaux signifiants ou élargissant le champ sémantique des signes déjà existants». (Ferreira, 1980-1981: 247).

blemas de evolução semântica» (Ali, 1957[5]: 118) foi a monografia de Maria Lúcia Pinheiro Sampaio (Sampaio, 1978). Não obstante o caráter restrito do *corpus* analisado, constituído essencialmente por exemplos dispersos extraídos dos textos literários desde o latim clássico até ao século XX, a Autora prova que em textos do século XIV estava associada ao verbo *aver* uma "posse atenuada, uma espécie de posse espiritual" (idem, *ibidem*: 20), concluindo que no português arcaico «*haver* e *ter*, como verbos independentes, tinham empregos diversos e não eram usados indiferentemente, um pelo outro, como acontecia quando expressavam a posse» (idem, *ibidem*: 36-37).

Uma pesquisa que viria a revelar-se um marco importante para toda a reflexão subsequente em volta de *teer* e *aver*, é o de Rosa Virgínia de Mattos Silva (Silva, 1995: 306-307). A nossa análise baseia-se na tipologia efetuada por esta autora quanto à natureza semântica do complemento do predicado(2):

(i) Estruturas do tipo AM [o complemento expressa objetos materiais adquiríveis, externos ao possuidor]: «hũa uinha que de nos *tẽ* Pero Perez» (1289 MA 1), «que *téém* caſaria enteira» (1342 Alf 30), «dhũa herdade que *teue*» (1372 MA 47), etc. Trata-se de um tipo de posse que pode ser designada por "posse prototípica"(3).

(ii) Estruturas de tipo AI [o complemento expressa qualidades morais, espirituais, intelectuais, afetivas, sociais]: «mal e rrancor que delle *auja*» (1402 MA 67), «graças, mercees que dello poderiades *auer*» (1405 MA 70), «todo o derreito que agora entendya (…) d' *auer*» (1436 Alf 93), «nõ *averedes* poder» (1452 MA 106), etc. Trata-se de um tipo de posse normalmente considerada "não-prototípica".

Uma análise sistemática dos dados permitiu-lhe concluir, com fundamentação empírica mais segura, que:

---

(2) Para a localização das abonações apresentadas neste artigo, o documento é identificado pela data, local de redação (MA – Mosteiro de Alcobaça; Alc. – Alcobaça; Alf – Alfeizerão; TC – Torre das Colmeias; Tur – Turquel; Alv – Alvorninha; Alj – Aljubarrota; Ped – Pederneira; Mai – Maiorga) e número, dentro da coleção.

(3) Como é sabido, a importância da categorização em termos de prototipicidade tem sido extremamente valorizada pela Semântica cognitiva. Sobre a aplicação dos princípios da categorização e da estruturação das categorias radiais à noção de posse (com *haver* e *ter*), consulte-se Garachana Camarero, 1997: 215 e sgs.

> a) *Haver*, na primeira fase do português arcaico, era o verbo generalizado na expressão das estruturas de posse; b) A expansão de *ter* sobre *haver* se origina nas estruturas do tipo AM e se difunde para as do tipo AI (…); c) Na 2ª metade do século XV, *haver* e *ter* se apresentam como variantes nas estruturas de posse, mas já se evidencia o recesso de *haver*. (Silva, 1995: 306-307).

As duas questões lançadas pela Autora no final desse estudo revelam-se, na nossa opinião, cruciais na fundamentação da substituição gradual de *aver* por *teer*: «1) Por que o verbo *ter* começa por substituir *haver* nas estruturas de posse do tipo AM? 2) Por que *ter* avança para expressões do tipo AI (...) ao longo do século XV?» (idem, *ibidem*: 308). Recorrendo aos valores semânticos de TENĒRE e HABĒRE, uma das constatações é que «as mais antigas documentações de *ter* em estruturas de posse, quando o complemento tem um referente concreto, podem ser explicadas pela história semântica do *tenēre* latino em direção ao *ter* português» (*ibidem*: 309).

Seduzido, igualmente, pelas motivações internas e/ou externas que levam à difusão do uso de *teer* sobre *aver*, e na pista de Eva Seifert,(4) Amadeu Torres procura também na etimologia os valores semânticos dos dois lexemas:

> Dois campos semémicos nada estanques (…) em cujo futuro de maior ou menor implantação irão influenciar os condicionamentos sociais por um lado, os de objectividade temática e de intersubjectividade emotivo-cultural por outro (Torres, 1997: 305).

Assim, coloca, também, a sedutora questão que, a nosso ver, poderá fornecer a chave para o entendimento linguístico, cognitivo e sociocultural desta mudança:

> Será por causa das duas últimas razões aqui aventadas que na Eneida, poema heróico de esforço e luta, de tragédia e drama, prevalece tanto o verbo *teneo* e, por exemplo, na Peregrinatio Aetheriæ (séc. IV d. C.), de tessitura descritivamente calma e marginando o grau zero da escrita como diria Roland Barthes, o *habeo* vence folgadamente por 47 a 3? (idem, *ibidem*: 305)

Num *corpus* de natureza jurídica, constituído por um conjunto de documentos oriundos dos fundos do mosteiro de Santa Maria de Alcobaça (sécs. XIII-XVI), e por nós transcritos, analisámos a evolução desta substi-

(4) Após ter arrolado os significados de HABERE e TENERE na língua latina, a Autora evidencia o «estrecho e ideal parentesco entre ambos verbos». (Seifert, 1930: 243).

tuição gradual de *auer* por *ter*, tentando responder a duas questões cruciais: por que motivo o verbo *ter* começa por substituir *auer* nas estruturas de posse do tipo AM (objetos materiais adquiríveis, externos ao possuidor), tal como já referiu R. V. Mattos Silva)? Por que condicionalismos externos (sociais, culturais e cognitivos) *ter* avança para expressões do tipo AI ao longo do século XV?

Para esse fim, parece-nos útil recolher os contextos em que surge invariavelmente *teer*, desde o período arcaico, pois esse uso atesta a existência de traços sémicos definitórios de *teer* que poderão ter invadido paulatinamente outras esferas de sentido (cf. secção 2.1). Ora, se *teer* e *aver* são dois itens lexicais com uma margem de distinção sémica tão ténue, é natural que a sua oposição semântica tendesse a ser progressivamente neutralizada.

## 2. Análise do *corpus*

### *2.1. A semântica de* teer

#### 2.1.1. *Teer/auer* como verbos predicativos de opinião/atitude/perceção[(5)]

Os dados do nosso *corpus* apontam contextos em que o verbo *teer* aparece quase invariavelmente em algumas construções, que são transversais ao tempo. Nestes usos, que não consideramos como ocorrendo em "estruturas de posse" (tal como estas têm sido estudadas na literatura), o verbo *ter* surge integrado em expressões formulares estereotipadas (provavelmente traduzidas do latim) e, por isso, sedimentadas pela tradição. Em documentos compreendidos entre 1337 e 1532 contam-se 36 ocorrências da expressão «*ter por bem*»: «o que por bẽ *teuermos*», «o que por bem *teuer*», «e por bem *teuer*», «o que por bem *teueſẽ*», «*teemos* por bem», «e por bem *teverrẽ*», «per bẽ *tever*», «por bẽ *teverẽ*», etc. Apresentamos a seguir cerca de metade dessas ocorrências, distribuídas ao longo do eixo temporal:

(5) Apresentaremos, de seguida, os matizes semânticos de «*ter* por» e «*aver* por» no português medieval, que contrariam a convicção de Said Ali de ter existido variação livre entre as duas expressões: «vemos utilizados os dois modos de dizer, e talvez com mais freqüência *haver por* do que *ter por* (…)» (Ali, *ibidem*: 122).

Tabela 1. Algumas ocorrências, no *corpus*, da expressão «*ter por bem*»

| **Documentos** | ***Teer***, 'considerar' (na ordem de valores do sujeito) |
|---|---|
| 1337 Alc 27 | «por bẽ *teu[er]mos*» |
| 1345 MA 33 | «o q*ue* por bẽ *teu[er]mos*» |
| 1359 MA 42 | «o que por bem teu[er]mos» |
| 1362 MA 44 | «o q*ue* por bem *teu[er]mos*» |
| 1375 MA 48 | «o q*ue* por bẽ *teu[er]mos*» |
| 1385 MA 54 | «o q*ue* por bem *teu[er]*» |
| 1397 MA 64 | «o q*ue* por bem *teu[er]mos*» |
| 1405 MA 70 | « por bem *teu[er]mos*» |
| 1413 MA 75 | «o q*ue* por bem *teu[er]mos*» |
| 1423 MA 83 | «o q*ue* por bem *teu[er]mos*», 2 v. |
| 1436 Alf 93 | «e por bem *teuer*» |
| 1455 MA 108 | «o q*ue* por bẽ *teueſẽ*» |
| 1471 MA 119 | «e por bem *teueſſe*»; «e por bem *teueſſem*» |
| 1472 TC 120 | «*teemos* por bem» |
| 1477 MA 121 | «e por bem *teueſſe*» |
| 1484 MA 127 | «e por bem *teuer*» |
| 1489 MA 130 | «e por bem *teverrẽ*» |
| 1505 MA 138 | «p*er* bẽ *tever*» |
| 1532 Tur 149 | «p*or* bẽ *teverẽ*» |

Nesta expressão, o verbo "ter" expressa a *subjetividade extrema* do sujeito, na medida em que no seu semantismo está projetada uma *avaliação* ou *apreciação* que tem como fonte um sujeito e por base um sistema de valores morais. Estamos, assim, perante um caso extremo de aproximação do sujeito ao "objeto possuído". Tendo em conta que esse objeto está inscrito no seu sistema de valores morais e éticos, diríamos que existe uma coincidência total.

O que se pode inferir destes usos (que, como foi dito, já deveriam existir nas expressões formulares dos textos latinos)(6) é que ao verbo TENERE

(6) Said Ali reconhece igualmente que «devia ser do falar corrente a expressão *ter por* já no português antigo, pois que nos diálogos das obras de Gil Vicente sempre assim se diz» (Ali, 1957: 122)

deveria estar associada uma dimensão axiológica não reconhecível em HABERE, porventura mais neutro.

Importa salientar que nesta aceção há apenas quatro exemplos no *corpus* (10%) que permitem diagnosticar "fugas" ao que a língua fixou por *standard*. Os dois primeiros exemplos situam-se na década de 80 do século XIV e provêm de zonas rurais e periféricas; os dois últimos são já tardios (quinhentistas). No seu conjunto, falam em uníssono: revelam um afã de erudição que, se no primeiro caso marginam a ultracorreção (sintoma da confusão que já corria na língua oral), no segundo deveriam ter correspondido à tendência tardia para reabilitar o verbo *auer*, já completamente esvaziado de sentido, criando com ele construções cultas:

Tabela 2. Ocorrências da expressão «*auer* por bem», «*auer* por bom», ao longo do *corpus*

| **Documentos** | **«auer por *bem*, *bom*»** |
|---|---|
| 1380 Alv 52 | «o q*ue* po*r* bem *ouu[er]*» |
| 1383 Alj 53 | «a q*u*em por bem *ouu[er]*» |
| 1529 MA 148 | «asy ho *aviã* po*r* bem» |
| 1565 Alc 153 | «*aviã* por boa»; «o *aviã* por bom» |

Também Rosa Virgínia Mattos Silva, ao analisar as cartas de D. João III, situadas entre 1540 e 1553, refere 21 ocorrências em que *haver* surge em contextos formulares, 14 delas na expressão «aver por bem» (Silva, 2002b: 150-151). Aludindo a estas expressões, e apresentando alguns exemplos das *Décadas* de João de Barros e Diogo Couto, Said Ali afirma que constituem uma «homenagem tardia a um verbo em época na qual, dada a escolha, se preferia de ordinário o verbo *ter*» (Ali, 1957: 121). Na verdade, se repararmos em alguns exemplos citados por este Autor, talvez seja possível propor uma variação condicionada semanticamente, neste tipo de expressões. Assim, o verbo *ter* está associado a contextos em que está projetada a *subjetividade* máxima do sujeito, decorrente da assunção de um juízo associado a um sistema de valores. Senão, vejamos:

> «E segundo a gente da terra tẽ, foi desta maneira…TÊM que ha paraiso…e TÊM que ha inferno» (idem, *ibidem*: 121).

No mesmo contexto sintático, mas remetendo o conteúdo do verbo para uma realidade alheia aos valores do sujeito (com o sentido de 'acreditar em'), surge *aver* em outro exemplo:

«*Haviam* que na India se não fazia conta daquelas ilhas» (idem, *ibidem*: 121)

Já nos Lusíadas, segundo o mesmo Autor, excetuando em uma passagem («Fala verdade, *havida* por verdade») predomina igualmente o verbo *ter*, com um semantismo associado ao sistema de valores do sujeito: «*ter* por grande», «*ter* por santo», «*ter* por certo» (idem, *ibidem*: 121-122)

Contudo, como verbo predicativo de atitude ou perceção intelectual, *teer* existe, todavia, em variação complementar com *aver*, variação essa que está condicionada por restrições de natureza socio-pragmática. Quando, ao complemento direto do verbo se consigna uma qualificação descritiva ou descritiva-identificadora, preferiu-se, ao longo do período medieval, o verbo *auer*. Ao contrário da expressão "*ter* por bem", nestas expressões desenha-se um espaço de veridição que é decorrente do contexto jurídico-formular em que surgem. Assim, o termo predicativo está vinculado a forças sociais externas ao sujeito (como as leis e instituições), que conferem a essa veridição um certo grau de mobilidade e, portanto, de relatividade espácio-temporal. Expressões como "*aver* [uma carta] por firme e estável", "*aver* uma apelação por direita/deserta", "*aver* por ratas e gratas", "*aver* [alguém] por revel", "aver [alguém] por desobrigado e desatado", "aver [alguém] por prioll", ou, ainda, as estruturas jurídicas tautológicas (tipicamente medievais) "partir e *aver* por partida", "meter e *aver* por metido", "outorgar e *aver* por outorgado", etc., não decorrem da interiorização da pauta de valores morais do sujeito, mas sim dos valores jurídicos (e, por isso, sociais) estabelecidos, que são temporalmente móveis e, como se sabe, alheios ao contexto espácio-temporal em que são produzidos. Apresentam-se os exemplos encontrados:

Tabela 3. Ocorrências de *auer* 'considerar', 'ter por', ao longo do *corpus*

| Documentos | *Auer* 'considerar', 'ter por' |
|---|---|
| 1298 Alc 6 | «p*ro*metem*os* á *áuer* [por] firme e eſtauel» |
| 1304 Alc 9 | «*auemos* [por] firme» |
| 1328 Alj 21 | «*auemos* por firm*e*» |
| 1379 Alc 51 | «e nos *auem[os]* e liuremos firme» |
| 1388 MA 57 | «e p*ro*meto a *au[er]* p*o*r fi*r*me» |
| 1399 MA 65 | «e p*ro*meto a *au[er]* p*o*r fi*r*me» |
| 1402 MA 67 | «q*ue* o d*i*cto dom Abbade *ouueſſe* por ſſeu (…) aſſy como o ſenp*re* foy» |
| 1405 MA 70 | «*aujad[e]s* e prometiad*e*s a *au[er]* por firme e ſtaujl» |
| 1415 MA 77 | «q*ue* a partyo e *auya* por partida»; «*avya* a d*i*cta partilha p*o*r f*e*cta» |
| 1425 MA 84 | «e ſe *auja* dellas por ent*re*gue» |
| 1430 Cós 89 | «foy *auudo* por ſoſpeito»; «*auja* a d*i*cta apellaçam por d*ere*ita» |
| 1438 Ped 95 | «*ouuerõ* p*o*r firme e eſtauel» |
| 1450 Alv 104 | «q*u*all ant*e* mays por uoſſa p*r*oll *ouu[er]d[e]s*» |
| 1451 MA 105 | «e foy *aujdo* p*o*r rreuel»; «*ouueo* p*o*r rreuel» |
| 1455 MA 108 | «*auẽdo* o ſſobr*e* d*i*to (…) por deſobrjgado e deſatado»; «e os *auja* por ẽcãpados» |
| 1460 MA 113 | «*ouue* a d*i*cta apelaçom p*o*r deſerta» |
| 1462 Mai 114 | «metyãm h*e* *avjãm* p*o*r metidoσ» |
| 1467 Mai 117 | «e *avya* p*o*r mjtydoσ» |
| 1471 MA 119 | «e q*ue* o *aujam* por metido»; «e q*ue* oσ *auja* por metid*oσ*» |
| 1489 MA 130 | «tudo *ha* por arenũçiado» |
| 1490 MA 131 | «e de as *aveer* por ratas e g*r*atas» |
| 1491 Alj 133 | «como jujz apoſtollyco ho *ha* por pryoll» |
| 1505 MA 138 | «e o *avya* p*o*r outo*r*gado» |
| 1509 Ped 140 | «e os *ouuerã* p*o*r mjtidos» |
| 1526 Ped 145 | «*ouverã* (…) por metido»; «ſe *ouve* p*o*r metido» |
| 1529 MA 148 | «e o trespasarã e *ouverã* p*o*r trespasado» |
| 1532 Tur 149 | «os metjã e *avjãm* p*o*r metjdos» |
| 1536 SC 150 | «e *ouveram* p*o*r poſto»; «*ouveram* p*o*r metydos» |
| 1536 SC 151 | «ſe *ouve* p*o*r emtrege» |

### 2.1.2.*Teer* com significado de 'obrigar moralmente' (= 'prender, reter por obrigação moral')

Trata-se do único caso em que o sentido de *teer* é exclusivo deste verbo, não existindo no seu homólogo *aver*. Segundo José María García Martín:

> La dependencia con respecto a lo solicitado, en la cual se encontraba el sujeto del pasivo *teneri*, es la misma que la del catalán *ésser tengut* y, expresada en forma activa, que la de la persona que 'tiene', 'administra' (té) un bien del poseedor verdadero, importante para la lengua del feudalismo (Garcia Martín: 2001: 60)

Em documentos dos séculos XIV e XV são frequentes as expressões: «erã *teudos* correger», «erã a nos *teudos* e obligados», «*teudo* obriguado de dar», «*teudo* e obriguado a serujr», «e sam *teudos* he obriguados a paguar», etc.:

Apresentam-se a seguir os exemplos que foi possível extrair:

Tabela 4. Ocorrências de *teer* 'obrigar moralmente a'

| **Documentos** | ***Teer*** 'obrigar moralmente a'; (= 'sujeitar por uma obrigação moral') |
|---|---|
| 1304 Alc 10 | «erã *teudos* correg*er*» |
| 1304 Alc 10 | «erã a nos *teudos* e obligados» |
| 1304 Alc 10 | «*teudos* a nos correg*er*» |
| 1321 Alc 17 | «a uẽda nõ ualha nẽ *tenha*» |
| 1324 Alc 18 | «nõ ſeia ualyoſa nẽ *tenha*» |
| 1402 MA 67 | «*teudo* obriguado de dar» |
| 1402 MA 67 | «*teudo* e obliguado a ſ*er*ujr» |
| 1467 Mai 117 | «e ſam *teudoσ* de lhe dar» |
| 1467 Mai 117 | «eram *teudoσ* h*e* obriguadoσ a paguar» |
| 1482 MA 125 | «lhe nõ poſſa valler ſom*en*te *teer*» |

### 2.1.3. *Teer* com sentido de 'guardar': 'guardar apreço', 'ter propósito de' («*ter* em vontade»); 'observar', (= 'cumprir'), por vezes em fórmulas tautológicas

Em sentido literal, encontra-se apenas a expressão «que os *teueſſe* ẽ segredo» (1414). Por extensão semântica, *ter* poderá funcionar como operador de ligação numa estrutura predicativa, significando 'ter intenção de' (constituindo «*ter* em vontade» uma lexia complexa), 'guardar apreço', 'prezar', ou ainda 'observar', 'cumprir':

Tabela 5. Ocorrências de *teer* com sentido de 'guardar' ('guardar apreço', 'ter propósito de', 'observar')

| **Documentos** | «***Teer*** meerçe» 'guardar gratidão' | **Documentos** | «***Teer*** em vontade» 'ter propósito de' | **Documentos** | ***Teer*** 'observar', 'cumprir' (7) |
|---|---|---|---|---|---|
| 1402 MA 67 | «e lho *tjnha* em grande m*er*cee» | 1366 MA 46 | «ẽ q*ue* *tenho* ẽ minha võntade» | 1321 Alc 17 | «nõ *teu[er]des* nẽ guardardes» |
| 1436 Alf 93 | «lho *teuerom* em meerçe» | | | 1495 MA 134 | «(…), *tendo* elle e p*er*ſoas como d*i*c*t*o he (…)» |
| 1456 MA 109 | «q*ue* lho *tjnham* em muyta merçee» | | | 1500 MA 136 | «*tẽdo* elles e *con*-pr*y*ndo» |
| | | | | 1502 MA 137 | «*tẽdo* elles e *con*-pr*y*ndo» |
| | | | | 1505 MA 138 | «*tendo* elles e *con*-pr*i*ndo» |
| | | | | 1507 MA 139 | «a todo *teer* e *con*-pr*i*r»; «*tendo* elle e peſoas todo ho q*ue* d*i*to he» |
| | | | | 1529 MA 148 | «a todo *teer* e comprir» |

(7) Com este sentido, a expressão formular "*ter* e cumprir" veio precisamente substituir, a partir dos últimos anos do século XV, a mais antiga «*guardar* e cumprir».

### 2.1.4. *Teer*, numa expressão cristalizada, a par de *manter* ("ter e manter"= 'observar', 'cumprir')

Esta expressão cristalizada, de natureza tautológica, desenvolveu-se na segunda metade do século XV, acentuando-se o seu emprego a partir dessa altura na linguagem jurídica, por afã de rigor conceptual:

Tabela 6. Ocorrências de *teer* em expressões formulares

| **Documentos** | ***Teer*, em expressões formulares** ('observar', 'cumprir' [cláusulas]) |
|---|---|
| 1459 MA 111 | «*terem* e manterem» |
| 1462 Mai 114 | «*teer* e mãteer» |
| 1467 Mai 117 | «*teer* e mãteer» |
| 1479 MA 124 | «*teer* e *mãteer*» |
| 1482 MA 125 | «mãteer e *teer*» |
| 1484 MA 126 | «*teer* e *mãteer*» |
| 1485 MA 128 | «a *teerẽ* e mãteerem»; «*teer* e mãteer» |
| 1505 MA 138 | «*teer* e mãteer» |
| 1519 MA 142 | «*ter* e mãter», 3 v. |
| 1522 MA 144 | «*ther* e *manter*», 2 v. |
| 1527 MA 146 | «*ther* manter»; «*terẽ* manterẽ» |
| 1528 MA 147 | «*terẽ manterẽ*»; « *terẽ manterẽ*» |
| 1529 MA 148 | «a todo *ter* he mãter» |
| 1536 SC 150 | « *ter* e manter» |

Ora, em todos os sentidos de *teer* referidos até este momento está presente uma dimensão importante que é a dimensão axiológica. Assim, se a expressão "o que por bem *tever*" se situa na esfera dos valores morais, "ter", quer com o sentido primitivo de 'não tornar público', quer nos mais abrangentes de 'obrigar moralmente' ou ainda de 'cumprir' (cujo semantismo decorre da existência prévia de uma obrigação moral), situa-se na esfera dos valores ético-sociais. Em todos estes sentidos permanece uma noção importante que caracteriza o predicado *ter*: não existe uma relação de controlo entre um sujeito e um objeto, tal como numa relação de posse, uma vez que "os objetos" são, neste caso, intrínsecos ao sujeito, fazem parte da sua mundividência moral e social, constituindo o próprio sujeito.

É possível que a transferência desse sentido de *ter,* aliado à perceção e obrigação de natureza moral, para o domínio da posse (eventualmente já verificada na língua latina) traduza uma nova mentalidade humana, que anseia por controlar o mundo, pela conquista do que é material. Trata-se, em suma, da necessidade de organizar um conceito sociocultural (a posse) que, consistindo num controlo sobre as entidades possuídas, confere direitos sobre elas (o sujeito outrora *submetido* transforma-se agora em *agente que submete*).

## *2.2. Análise quantitativa dos dados*

Perscrutemos, pois, os dados que o nosso *corpus*, substancialmente diferente do que serviu de fonte a Rosa Virgínia de Mattos Silva, permite evidenciar, aliando o critério quantitativo ao critério qualitativo(8). Com expurgo das ocorrências já mencionadas, analisando os dados relativos a *ter* e *auer* em estruturas de posse, podemos ver que um gráfico de linhas que englobe as ocorrências de *auer* e *teer*, ao longo das várias etapas epocais,(9) tem a seguinte configuração:

(8) Incluímos alguns exemplos que representam fórmulas jurídicas cristalizadas, de carácter tautológico: «*tenha* e *aya* eſſa adega» (1297), «hũas caſas q*ue tem* e *ha* na d*ict*a villa» (1495), «*tem* e *ham* as dictas caſas» (1495). Mar Garachana Camarero constata, igualmente, que «la presencia de *aver* en estas estructuras binomiales [*huuiessen e teniessen*] y trinomiales [*hauia tenia e possedia*] obedece más a una costumbre del lenguaje jurídico, caracterizado por su afán de precisión, que a un uso efectivo por parte de los hablantes». (Garachana Camarero, 1997: 222).

(9) A delimitação temporal agora efetuada decorreu, não só do que foi possível averiguar na investigação levada a cabo aquando da nossa tese de mestrado, mas também da observação das tendências gráficas e linguísticas, a partir de um levantamento exaustivo dos dados deste *corpus*, e que corroboram, no essencial, os resultados que então apresentámos. Tivemos, igualmente, em conta as propostas de periodização conhecidas e os marcos balizadores dos diferentes períodos, já propostos por consagrados periodizadores da história linguística do Português. É, igualmente, nossa convicção que a delimitação das etapas epocais deverá ser feita em função do que nos dizem os documentos sobre os fenómenos, em termos de tendências evolutivas, e não em função da perspetiva de um investigador atual. Ou seja, é a própria evolução do fenómeno observado que deve proporcionar a informação sobre os segmentos temporais, pois só assim chegaremos a saber se a evolução da língua se produz a um ritmo sempre igual ou se, pelo contrário, as mudanças se acumulam em determinadas épocas.

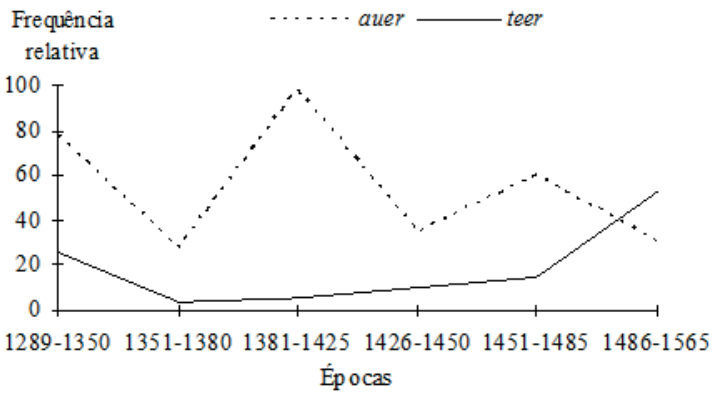


Figura 1. Linhas diacrónicas descritas por *teer* e *aver* em estruturas de posse, do século XIII ao século XVI

Não obstante a distinção semântica que permite diagnosticar uma tendência precoce para o uso de *teer* em AM (bens materiais adquiríveis), essa tendência fica refreada em determinada época da história da língua, que parece ter elegido o verbo *aver* para qualquer tipo de posse. Entre aproximadamente o último quartel do século XIV e 1425/1430 deverá ter existido uma pressão "normativa" no sentido da *standardização* que obrigou a selecionar o verbo *aver* na documentação notarial. Parece que *teer*, ao aproximar demasiado o sujeito ao "objeto possuído" deixava transparecer a ancoragem do *eu* da enunciação às suas coordenadas espácio-temporais, o que não condizia com a formalidade estilística requerida nos textos notariais.(10)

Uma comparação com o estudo levado a cabo por Mar Garachana Camarero relativamente ao mesmo fenómeno na língua castelhana conduz-nos, curiosamente, a resultados muito idênticos. A propósito das duzentas cartas que analisou da *Chancelaria da Coroa de Aragão*, refere a Autora:

> Durante los primeros sesenta y nueve años del siglo XV *tener* se empleó fundamentalmente en el terreno de la posesión prototípica (…), donde su predominio

(10) Também Eva Seifert se refere a esse processo histórico, salientando o seguinte: «La viva fantasía del hombre meridional sintió con más intensidad la fuerza de *tenere* y le dio cabida en su habla. La sustitución de *habere* por *tenere* es, en su origen, resultado de la expresión concreta de un concepto cuyo término usual se encontraba débil y gastado a consecuencia de una excesiva *normalización*». (*ibidem*, 1930: 237).

> sobre *aver* fue absoluto desde el primer momento (…). En este mismo espacio de tiempo *tener* no tuvo una representación significativa en la posesión no prototípica (…) En cambio, de 1470 a 1498 el desfase entre los valores prototípicos y no prototípicos de *tener* se redujo considerablemente (idem, *ibidem*: 222).

Quanto à cronologia da substituição de um verbo por outro, a mudança observada por volta da década de 80 do século XV parece ter coincidido, historicamente, com os novos horizontes socioculturais soprados pelos ventos dos Descobrimentos e do Humanismo italiano, mas a exiguidade do *corpus* agora em estudo não permite avançar muito mais relativamente a esta constatação.

Cabe apresentar aqui um outro exemplo, não incluído na quantificação dos dados, que configura um tipo especial de posse, a meio caminho entre o "possuir" e o "guardar". Trata-se da expressão eufemística "Que Deus *aja*", que veio substituir o aposto nominal «já finado»: «ſua tja ja *fjnada*» (1422); «uoſſo padre e madre ja *fynados* (1450). O facto de surgir apenas a partir de 1460 contraria a ideia de "arcaísmo", defendida por Mar Garachana Camarero.(11)

Tabela 7. Ocorrências, no *corpus*, da expressão cristalizada «que Deus *haja*»

| Documentos | Expressões |
|---|---|
| 1460 MA 113 | «el Rej Duar*te* q*ue* D*eus* *aja*» |
| 1491 Alj 133 | «do prynçjpee noſo S*en*h*or* q*ue* D*eus* *aja*» |
| 1500 MA 136 | «ſeu pay q*ue* D*eus* *aja*» |
| 1541 Sal 152 | «da caſa do cardeall q*ue* D*eus* ***tem***» |

Estamos, inequivocamente, em presença do que representa o grau extremo de abstração a nível de entidade possuída (e, por isso, da posse não-prototípica), uma vez que se trata da alma humana, e, assim, do que existe de mais espiritual. É curioso verificar que só em pleno século XVI o verbo *aver* cede lugar a *ter*, revelando-se interessante a passagem de uma

(11) De acordo com a Autora, «La presencia de *aver* en el espacio de la posesión metafórica en este último período (1470 a 1498) casi puede calificarse de arcaísmo, pues acostumbra a emplearse en construcciones complejas ("aver menester", "que Dios haya" o "aver lugar") en las que *aver* ha seguido empleándose, incluso después de su desaparición del ámbito de la posesión». (Marachana Camarero, *ibidem*: 224).

construção optativa (com o presente do conjuntivo) a uma outra de natureza declarativa (com o presente do indicativo).(12)

Note-se que *auer* foi exclusivo na expressão formular «[bens] *auidos* e por *auer*», ao longo de todo o período medieval, contando-se 45 ocorrências de expressões desse tipo. Para essa cristalização com *aver* deverá ter contribuído a indefinição espácio-temporal do objeto relativamente à perspetiva do *eu* da enunciação. Semanticamente conectada com esta fórmula, existe o atual substantivo *haver*, com o sentido jurídico de coisa por adquirir mas também de coisa adquirida, e na linguagem da Contabilidade é bem conhecido o «deve» e o «haver». O português atual conserva ainda algumas expressões cristalizadas, consagradas pelo uso, como «bem *haja*!», «mal *haja*!», ou ainda a expressão proverbial «Por bem fazer mal *haver*», onde o valor incoativo foi preservado até ao limite.

## *2.3. Análise contextual dos dados*

Uma análise mais finamente contextualizada revela ainda que aos deíticos temporais, locativos e anafóricos *áácima*, *hy*, *(h)ora*, *agora*, *enquanto*, ou ainda às expressões temporais «*do tempo* que», «*ao tempo que*» anda associado, nos contextos de posse de bens materiais adquiríveis (AM), o verbo *teer* e não *aver*. Estes deíticos ou *embrayeurs* discursivos emprestam ao semantismo de *ter* a noção de posse temporária de um bem, cujo ponto de referência é a perspetiva do *eu* da enunciação.

Tabela 8. *Ter* associado a deíticos e a expressões temporais(13)

| Doc. | *Auer* | *Teer* | % |
|---|---|---|---|
| 1289 | «que eles *aiã* a dita h*er*dade»; «*aiã* as ditas almuỹa e a vĩa e o junçal»; «a todo dereyto e a toda demãda q*ue auíam[os]* ou atẽdiam*os* ou poderíam*os* au*er*» | «hũa uinha que de nos *tẽ* Pero P*er*ez»; «[carta] que de nos *téén* **ááçima**»; «q*ue teu[er]* a noſſa grangya»; «*téém[os]* hũa [carta]»; «*téém[os]* [*a outra*]» | 56 |
| 1321 | «q*ue* os [herdamẽtos] *aiamos*»; «ſéélo (…) nõ *auemos*» | «que **hy** morarẽ e *teuerẽ* fogo» | 33 |

(12) Recorde-se que, segundo Eva Seifert, «es notable, por fin, que las expresiones de miedo, temor se interpretasen frecuentemente por *haber*». (Seifert: 353).

(13) As percentagens indicadas referem-se, naturalmente, ao verbo *teer*, dentro do documento em causa.

| | | | |
|---|---|---|---|
| 1343 | «vinhas q*ue* ela *auya*»; «couſas q*ue* eu *ey*»; «polo affan q*ue* *au[er]a*»; «her*d*ades q*ue* nos *auem[os]*» | «**enq*u*anto** ela eſto *teu[er]*»; «vinhos q*ue* **ora** *téémos* en cubadas» | 33 |
| 1352 | «eſta ẽ poſſe d'*auer* (…) baleas» | «[barca] q*ue* **hj** *tijnhã* pr*e*ſtes» | 50 |
| 1362 | «[caſa/herdade] q*ue* nos *auemos*», 2 v.; «nõ *aiades* poder» | «[caſa] a q*u*al **hora** de nos *tinha*» | 25 |
| 1412 | «oſ beés q*ue* elleſ *auyam*»; «q*ue* o q*ue* ficaſſe por pagar podeſſe *au[er]*»; «out*r*os béés q*ue* *auyam*» | «**do tẽpo** que *teuerõ rrẽdadoſ* oſ se*uſ* moinhos»; «**ao tẽpo** q*ue* *teu[er]om rrẽdadoſ* oſ d*i*ctoſ moinhos» | 40 |
| 1444 | «ſeus bẽes de rraiz q*ue* elles *ham*»; «q*u*aaes q*u*er bẽes q*ue* elles *ouueſſem*» | «q*ue* ell nom *tijnha* **agora** (…) d*inhei*rros» | 33 |
| 1448 | «lh*e* deſe a dita caſa (…) pola gujſa q*ue* a *ouuera*» | «*tjnham* hũa caſa»; «e hũ thoujo q*ue* a d*i*cta caſa *tem*»; «q*ue* ha [a dita caſa] **aſy** *teuerom*» | 75 |
| 1460 | | «hũa terra (…) q*ue* **ora** *tijnham* em pomar» | 100 |
| 1485 | «q*ue* elle e p*er*ſſoas *ajam* o d*i*cto mortoreo» | «q*ue* **ora** *tem* cargo»; «[d*i*cto mo*r*toreo] q*ue* a d*i*c*t*a jg*r*eia *tem*» | 67 |
| 1536 | «ho dito caſſall era e elles (…) ho *ouueram* do dito moſteyro» | «*tenha* cuydado de rreger»; «poſſe rreall e autoall domjnjo que no dito caſſall e ſſua ffazenda **ate'guora** *teueram*» | 67 |

Cumpre recordar, a propósito dos deíticos locativos, a interessante passagem do *Cantar de Mío Cid*, a que não foi indiferente a sensibilidade intuitiva de Eva Seifert:

> Grado al Criador e a santa Maria madre
> *Mis fijas e mi mugier que las tengo* ***acá*** (Seifert, *ibídem*, 249)

Diz-nos a Autora:

> Este discurso da personagem no pone el énfasis en el verbo *tengo*, sino en el complemento local *acá,* 'que las tengo ahora cerca de mí', 'que están ahora aquí'. (…) Tenemos, en cambio, el verbo *haber* para la expresión de posesión genérica, de simple posesión: commo sirva a doña Ximena e a las fijas que ha (idem, *ibidem*, p. 249-250).

Associada a esta noção de ancoragem ou não ao momento da enunciação, afigura-se igualmente importante, em outros contextos, a noção de *modalidade* enquanto expressão da atitude do *eu* da enunciação em relação ao valor factual do seu enunciado. Revela-se pertinente a variação entre *teer* e *aver* num documento 1453 que, ao lado de «*hu quer que* os [bẽes] *ouuerdes*» apresenta «*do tenpo que* os dictos bẽes *teuerdes*». Assim, o verbo *teer* está, neste enunciado, associado ao real/factual e o verbo *aver* ao hipotético, sendo que apenas *teer* permite ancorar/localizar a ação expressa pelo verbo num determinado segmento temporal, ainda que projetado no futuro.

Não obstante ambos os verbos surgirem em condicionais não factuais ou hipotéticas (características das cláusulas em que se prescrevem as sanções), *aver* surge inserido numa sequência em que o conteúdo proposicional do consequente se refere a um mundo não real ou eventual(14):

(i) «E ſſe uos (…) quiſermos demãdar a jujzo, (…) per ſſua sentença ou sentenças ſſeer fecta exucacõ, venda e rrematação em voſſos bẽes e da dicta perſſoa **hu quer que os ouuerdes** (…)» (1453 MA 107)

Diferente é a perspetiva adotada quanto ao valor de verdade do enunciado em que surge o verbo *teer*, uma vez que, apesar de surgir igualmente numa construção condicional hipotética, o conteúdo proposicional do consequente a que o verbo se associa ("ter os bens") é assumido como tendo existência no mundo real (futuro):

(ii) «Jtem **ſſe uos** (…) nõ conprirdes (…) que nos (…), poſamos filhar os dictos noſſos bẽes e herdamẽtos (…) ficando uos ſobre dictos e perſſoa ſſenpre obrigados a nos pagardes a dicta penſſõ e foro **do tenpo que os dictos bẽes teuerdes** (…)» (1453 MA 107).

A ideia de *teer* associada aos bens efetivos (ou assumidos como tal, ainda que no futuro) e *aver* aos hipotéticos encontra eco no nosso *corpus* se nos lembrarmos que foi corrente o emprego de *teer* associado às cópias dos documentos que se entregavam às partes interessadas: «*tenhades* hũa deſſas cartas», por exemplo. Mas, curiosamente, as "cartas de graça" ou de "merçe", usadas em construções de sentido hipotético, surgem sempre associadas ao verbo *aver*. Como se trata de uma posse futura que implica a ideia de "alcançar", "obter" (*direitos*, *privilégios* e não objetos concretos, como uma

(14) Eva Seifert testemunha que «en proposiciones imperativas, hipotéticas, condicionales y optativas, *haber* es mucho más frecuente que *tener*, y *haber* se mantuvo en ellas largo tiempo». (Seifert, *ibidem*: 249).

carta manuscrita), compreende-se que se tenha preferido o verbo *aver*, que melhor exprime o sentido incoativo.

Detenhamo-nos agora sobre os complementos de predicado do tipo AI, e sua distribuição cronológica:

Tabela 9. Cronologia dos verbos *teer* e *aver* com complementos de predicado do tipo AI (Síntese)

| **Até 1484** (15) | |
|---|---|
| *Aver* | *teer* |
| *demanda, preço 'valor', mẽte, pena 'castigo', poder, afã, direito(s), acção [judicial], prol, conhecimento, possessão* (16)*, mandado, mal, rancor, cumprimento, compaixão, preito, perda, autoridade, confirmação, cumprimento, engano, mantimento, jurisdição, custas*, ***foros***, ***honras***, ***liberdades***, ***graças***, ***mercês*** (17) | *encargo* e *direito* |
| **A partir de 1484** | |
| *Aver* | *ter* |
| *recurso, temor* e *poder* | *«posse, propriedade e liberdade»; cargo, paz, jurisdição, autoridade, poder, cuidado, embargos, benefício, irmãos* |

O comportamento dos itens lexicais *direito*, *poder*, *autoridade* e *(en) cargo* merecem algumas considerações. O item *direito* selecionado por *teer* surge, pela primeira vez, no segundo quartel do século XV, mas alterna

(15) Não obstante reconhecermos o artificialismo metodológico de qualquer corte cronológico, referimo-nos ao segundo documento do nosso *corpus* com esta data.

(16) Note-se que a expressão «*aver* possessão» é, sobretudo a partir da segunda metade do século XV, substituída por "*ter* em posse", o que corrobora os matizes semânticos já mencionados.

(17) Os itens selecionados constituem uma extensão metonímica de *carta* (baseada na relação de contiguidade conteúdo/continente), que a partir de meados do século XV se começou a difundir. Assim, e porque todos eles têm implícita a noção de 'direito', 'privilégio', é normalmente o verbo *aver* que os acompanha, mesmo que por vezes venha explícito o item *carta* (trata-se de uma expressão consagrada dos formulários jurídicos). A inclusão destes itens nesta tipologia de posse poderá, assim, revelar-se controversa. É num documento de 1433 (é curioso constatar que a forma *tenha* encontra-se aí repetida, o que poderá revelar uma hesitação eloquente, por parte do notário) que surge, pela primeira vez, o verbo *teer* associado a *carta de rogo*, *espaço*, *graça* ou *merçee*, expressões que aparecem muitas vezes substituídas por *graças* ou *merçees*, por metonímia. Sendo assim, esteja ou não explícita a lexia *carta*, o sentido desta expressão está associado a 'direito', 'privilégio', pelo que tem algo de [- alcançável], marginando a posse de tipo AI.

nesta fase com *auer*. Ambos os verbos aparecem em dois contextos associados a dois tipos de modalidade discursiva:

(i) «ſſem os h*er*deiros (…) e ſſua molher *teerẽ* (…) algũu *d[e]rr[ei]to*» (1438)
(ii) e «out*r*os *direit[os]* (…) q*ue ouuefe*» (1442),

Este facto, aliado à inexistência de outras abonações posteriores, não autorizam resultados conclusivos. Quanto a *autoridade*, o comportamento do predicado que o seleciona poderá contribuir para a delimitação cronológica operada, mas é igualmente possível que esta variação entre *auer* e *teer* não seja apenas de tipo diacrónico mas sim uma variação ativada por restrições sintático-semânticas específicas. Senão vejamos:

(iii) «e ***quando*** afy *ouuerẽ* a dita *autorjdade*» (1482)
(iv) «nem que *autorydade tendes*»; «o trellado (…) da *autorydade* q*ue tend[e]s*» (1491).

No exemplo (iii), o advérbio temporal *quando*, ao situar o conteúdo expresso pelo verbo num momento posterior ao da enunciação mas não definido, hipotético, eventual (expresso através do conjuntivo), contrasta com a *embrayage* no momento de enunciação verificada nos exemplos do documento de 1491, e expressa através do modo indicativo. Relativamente a *poder*, abundantemente representado ao longo do *corpus*, surge invariavelmente com *aver* até 1519. A partir de 1522, *aver* cede, unidirecionalmente, lugar a *ter*: «e nã *tera* poder» (1522) e «nã *terão* poder» (1528).

A questão que se poderá colocar é a seguinte: por que motivo «*ter poder*» é uma construção tão tardia se «*ter (en)cargo*» surge já em 1399? A resposta a esta questão reside, na nossa opinião, nas restrições semântico-cognitivas ativadas pelo teste da anteposição do artigo definido a este item lexical, ou seja, na forma como são captadas cognitivamente estas predicações definidas. Assim, se em «o encargo», a unicidade do referente só poderá ser apreendida num contexto específico de enunciação, em «o poder», a identidade do objeto é passível de ser descodificada pelo alocutário sem que haja um contexto específico de enunciação. Por outro lado, o item *poder*, ao contrário de *encargo*, não poderá ser núcleo de uma predicação indefinida (* *ter um poder*).[18]

Ao comparar, na língua espanhola medieval, os diferentes verbos usados com *cargo* e *nuevas* (o primeiro selecionado por *tener*, o segundo por *aver*), Jean-Claude Chevalier intuíra já uma explicação semelhante (que se aproxima da noção de *lexia complexa*), recorrendo à fenomenologia do conhecimento:

(18) Pelo menos, em construções sintaticamente neutras.

> Les premières – et *cargo* est de celles-là - affirment leur compatibilité foncière avec *tener*, les secondes – et *nuevas* en est - avec *aver* (…). Si j'essaye de réduire tout cela en formule: parmi d'autres éléments *cargo*, avant même que je songe à le faire entrer dans une phrase, me montre un être *y* à qui, à un certain moment de sa durée, est affectée une tâche, ou un ensemble de tâches, que j'appellerai *o*. L'appréhension conjointe de *y* et de *o* ainsi définis et ainsi reliés est ce qui a reçu pour traduction physique *cargo* (Chevalier, 1977: 38).

Uma captação cognitiva diferente é a que é activada por *nuevas*: «*Nuevas*, lui, porte en soi l'irruption dans la durée d'un être *y* d'une information *i* qu'il ignorait» (idem, *ibidem*: 40).

### *2.4. Das orações existenciais com* aver *às estruturas equivalentes com* teer*: sobre a origem desta particularidade no Português do Brasil*

Como é sabido, a estrutura existencial era expressa, no latim, com o verbo ESSE. A transferência de ESSE para HABERE consistiu, segundo cremos, numa redução do estatuto ontológico dos objetos e numa maior projeção do mundo exterior em que eles se situam, tendo constituído um mecanismo cognitivo bastante interessante, mas que fica fora do escopo do nosso estudo. Do antigo verbo funcional, semanticamente existencial, subsistem alguns resíduos no português medieval, apesar de se poderem recortar duas etapas distintas: a mais arcaica, em que o verbo *ser* faz parte de uma "construção locativa", e uma outra, mais tardia, em que o verbo *ser* substitui *auer* com nomes caracterizados pelo traço [+ abstrato]. São estas as ocorrências do *corpus*:

Tabela 10. Ocorrências do verbo *seer/ser* por *auer*

| Documentos | Formas |
|---|---|
| 1291 Alc 3 | «outroſ fruytoſ q*ue* hj *forẽ*» |
| 1353 Vid 39 | «bẽes aſy mouíi*s* come rrajz q*ue erã* no d*ict*o logo» |
| 1460 MA 113 | «p*r*eito e demãda *fora*», «sobre eſta meeſma cauſa *fora* letigyo e dada det*er*mjnaçõ p*er* el Rej» |
| 1527 MA 146 | «e que aſy *hera* mayor honra» |

Como os dados revelam, o verbo *seer*, que acompanhou em finais do século XIII nomes caracterizados pelo traço [+ concreto] ressurgiu no terceiro quartel do século XV, acompanhando agora nomes com o traço [+

abstrato], eventualmente para ocupar o lugar de *auer*. Assim, *ser* apresentou-se igualmente como concorrente para o lugar de *auer*, que começava a ficar vazio, a partir do terceiro quartel do século XV.

No século XVI o aumento das estruturas de posse com o verbo *teer* deve-se igualmente à mudança de estrutura das orações existenciais com *aver*, que selecionam um sintagma nominal interpretado como objeto direto e um elemento locativo expresso por um sintagma preposicional ou um adverbial. Essa mudança deveu-se, muito provavelmente, ao esvaziamento semântico do verbo *auer*, verificado em finais do século anterior. Apresentam-se a seguir os dados exemplificativos das estruturas existenciais com *auer* ao longo do *corpus*:

Tabela 11. Estruturas existenciais com *auer*, ao longo do *corpus*

| Documentos | Ocorrências |
|---|---|
| 1306 Cós 12 | «tabaliõ nõ *auia*» |
| 1329 Evo 22 | «e *auudo* cõcelho»; «q*ue* nõ leyxauã (…) a *au[er]* d*er*ec*t*o» |
| 1336 Alj 26 | «ca tẽpo *auya* **hy** p*er*a todo»; «**hy** *auya* ſete dias» |
| 1352 Ped 38 | «e *ouue* **ẽ ella** dez quintaes e meyo» |
| 1391 MA 59 | «q*ue* **nos carualhaaes** (…) *aia* tam poucas landes» |
| 1402 MA 67 | «q*ue auja* anos e t*en*pos»; «demãdas e defuairo *ouueſſen* ant*re* ell*es*» |
| 1430 Cós 89 | «q*ue auja* dez e (…) annos»; «e q*ue auja* q*u*atorze a*n*nos»; «ataa podja ora *au[er]* tr*e*s ou q*u*atro a*n*nos» |
| 1433 Ped 90 | «e *aja* ao deant*e*» |
| 1452 MA 106 | «e *ha* **em ella** uma geyra»; «ao t*en*po q*ue* **hy** tall demãda *ouuer*» |
| 1453 MA 107 | «q*ue* **hy** tall demãda *ouue[r]*» |
| 1459 MA 111 | «em gujſa q*ue ajom* qujnze noujdades» |
| 1465 MA 116 | «ao t*en*po q*ue* **hy** tal demanda *ouuer*» |
| 1467 Mai 117 | «q*ue* lhe *ouveſſe* a **ello** rremedeo»[19]; «ambos q*u*aaees *avya* grãde *cõ*tẽda na rrepar*t*yçãm da jent*e*»; «q*ue havya* ant*re* os ſob*re* dit*os*» |
| 1472 TC 120 | «nom *auja* **hy** nhuũa das d*i*ctas couſas» |
| 1495 MA 134 | «q*u*ando **hy** tall demãda *ouue[r]*» |

(19) "Haver remédio" e "ter remédio" sobrevivem no português atual, em distribuição complementar, encontrando-se o verbo *haver* associado a orações existenciais que não selecionam SN sujeito mas um SP ([«*Para isso*, não há remédio», por exemplo]). Contudo, "Não *há* remédio" e "Não *tem* remédio" poderão ser enunciados pragmaticamente equivalentes, em alguns contextos de enunciação.

| | |
|---|---|
| 1502 MA 137 | «e q*ue aujriã* **ẽ elle** de terra proveytada ſete ou oyto eyrras»; «e nõ *avendo* **hy** ſilho ou ſilha»; «**em o qual** *avyria* quinze ou dezaſejs pees d'oliveyrras» |
| 1519 MA 142 | «e *aja* **hy** algũa denjfycação» |
| 1527 MA 146 | «*aver* ahí **ẽ elle** mais caſas»; «*averia* **em elle** mais moradores», 2 v. |
| 1529 MA 148 | «se ho *ouuer*» |
| 1565 Alc 153 | «nã *avia* comtradiçam»; «nẽ devia *aver* demãda»[20] |

As novas estruturas de posse resultantes da mudança de estrutura das orações existenciais diferem das habituais estruturas de posse (*ter/haver*), não a nível sintático mas semântico, na medida em que o "possuidor" deixa de ser um ser humano dotado de capacidade agentiva e volitiva, capaz de controlar a entidade possuída. Assim, este tipo de posse pode incluir-se num tipo de posse inalienável, mas agora estabelecida em termos de uma relação entre objetos. A tabela seguinte apresenta este tipo de posse, já com o verbo *teer*:

Tabela 12. Novas "estruturas de posse", resultantes da mudança de estrutura das orações existenciais

| Documentos | Ocorrências |
|---|---|
| 1505 MA 138 | «hũm pedaço de chãoo (…) e *tynha* hũa holiveyrra» |
| 1528 MA 147 | «os quaees pardieiros *tem* de conprido sete varas e mea de craueira» |
| 1532 Tur 149 | «e *tẽm* de cõprjdo dezanove covados» |
| 1541 Sal 152 | «os quaes [marcos] todos *tem* tres t*elh*as»; «e a dyta souereyra *tem* hũa crũz» |

Finalmente, foi ainda possível encontrar alguns indícios de que, mesmo em estruturas que não sofreram as mudanças sintático-semânticas aludidas, o verbo *teer* começara a substituir *aver* em orações existenciais (com advérbio locativo explícito), já na década de 60 do século XV. Esta constatação permite, assim, corrigir a cronologia apresentada por Maria Lúcia

(20) É ambígua a expressão «como se p*or* el *avia* clara mẽte», contida neste documento e não mencionada na tabela.

Sampaio que afirma ser no século XVI que «*ter* invade a esfera da oração existencial» (Sampaio, 1978: 59).[21] Mais tardiamente (1536), regista-se o verbo *teer* por *seer*, fenómeno que caracteriza o português popular do Brasil e que revela que a invasão de *teer* não só se verificou nas orações existenciais mas também nas estruturas "situativas". Apresentam-se a seguir os dois exemplos aludidos:

Tabela 13. Ocorrências de *teer* por *auer* em orações existenciais e em estruturas "situativas"

| Documentos | Ocorrências |
|---|---|
| 1460 MA 113 | «nom em efta vila da Peda*r*nejra po*r* ſeer do senhoryo do moeft*ei*ro **onde** nom *tijnha* oficyaes» |
| 1536 SC 150 | «como na çedolla *tem* declarado» |

Esta difusão de *teer* a estruturas "situativas", verificada num documento redigido após a descoberta do Brasil, deverá ter surgido na sequência da propagação de *teer* à esfera do existencial, fenómeno que deverá ter tido igualmente um cunho popular, segundo Maria Lúcia Sampaio:

> Entretanto, a parcimônia com que o verbo "ter" era empregado na oração existencial nos faz supor que se tratava mais de um fenómeno da língua falada que da escrita. A língua falada que evoluiu mais depressa que a escrita sentiu a necessidade de substituir totalmente "haver" por "ter", pois o verbo "haver" por ter-se esvaziado semanticamente dificultava a comunicação (idem, *ibidem*: 60).

Refira-se que, ainda na esfera do existencial, a linguagem jurídica conserva, ainda, a expressão cristalizada «*haver* lugar» («*Haver* lugar a recurso», por ex.) e *ter* e *haver* são hoje permutáveis em alguns enunciados, pragma-

(21) Saliente-se que num exemplo da *Crónica de D. João I* de Fernão Lopes, é igualmente possível descortinar a presença de *teer* numa estrutura existencial: «*temdo* ja dias auia mandado com recado (…)». Apud: Harre, 1991: 131. A primeira abonação permite recuar a datação desta estrutura para o século XV, antecipando, assim, em cerca de um século a que foi apresentada por Ilza Ribeiro, extraída de *Os Lusíadas* (Ribeiro, 1993: 373) ou, ainda, as de Rosa Virgínia Mattos e Silva, extraídas da *Década Segunda* de João de Barros (Silva, 2002: 138) e das *Cartas* de D. João III (Idem, *ibidem*: 156). Assim, deverá procurar-se o lugar do "encaixamento laboviano" (expressão usada por esta Autora na página 158 da última obra citada) no cenário histórico do português já no terceiro quartel do século XV (antes, portanto, do transplante do Português para o continente americano) e não apenas em meados do século seguinte, como a mesma sugere.

ticamente ancorados. A título de exemplo, relembrem-se os enunciados, igualmente possíveis no Português contemporâneo:

Já não *tem* remédio! ~ Já não *há* remédio!

Resta referir, por último, um outro uso cristalizado que se verifica tardiamente no *corpus* por nós selecionado e que consistiu na substituição de *ser* por *aver*. Referimo-nos à expressão «*aver* mester» que veio substituir «*ser* mester»/«*ser* necessário».(22)

Tabela 14. Expressões cristalizadas «*seer* mester» e «*auer* mester»

| **Documentos** | **«*ser* mester»** | **Documentos** | **«*auer* mester»** |
|---|---|---|---|
| 1291 Alc 3 | «*for* mefter» | 1478 MA 123 | «cada uez q*ue* o *ouuerem* mefter» |
| 1328 Alj 21 | «ſe mefte*r for*» | 1479 MA 124 | «q*ue* mefter *ouuerem*» |
| 1372 MA 47 | «ſe uos neçeſario *for*» | 1496 Sal 135 | «nẽ *auja* mefte*r*» |
| 1379 Alc 51 | «ſe mefte*r for*» | | |
| 1405 MA 70 | «ſe mefte*r for*» | | |
| 1422 MA 82 | «*for* cõpridoiro e neçeſario» | | |
| 1465 MA 116 | «q*ue* lhe mefter *for*» | | |
| 1478 MA 122 | «q*ue* lhe naçeſſarío *for*» | | |
| 1482 MA 125 | «*for* neçeſſareo» | | |
| 1522 MA 144 | «que lhe *for* neſeçario» | | |
| 1529 MA 148 | «se neçesario *ffor*» | | |

Uma análise detalhada da tabela permite concluir que, no *corpus* agora em estudo, a partir da década de 70 do século XV o predicado *ser* passa a selecionar «necessário» em vez de «mefter». A recuperação de *mester* foi feita a partir daí mas este nome ressurge agora com *aver*, que entretanto já tinha sofrido um desgaste semântico considerável. Eva Seifert testemunha que «el neologismo *tener menester* no alcanzó gran popularidad, ni pudo mantenerse» (Seifert, *ibidem*: 352). Apresenta, contudo dois exemplos que se fazem acompanhar dos deíticos locativo e demonstrativo: «mas defensa no *tobo hi* menester» e «tomá *esta* navaja…, ya veo que vos no la *tenéis* menester».

(22) Na verdade, a expressão mais frequente ao longo do *corpus* é «*fazer* mester», que ocupa 82% do total.

## *2.5.* Teer *com sentido de 'desembocar'*

A lexia complexa "ir ter" ('desembocar em', 'intersetar') documenta-se igualmente no nosso *corpus*, em documentos das últimas décadas do século XV e primeiro quartel do século XVI, substituindo a estrutura trecentista "ir ferir". Recordamos, a esse propósito, a perífrase que se documenta no século XIV para transmitir essa noção:

(i) «como *uay ferir* ſuſo» (1321 Alc 17)
(ii) «*uã ferir* ao rrio de Selir» (1321 Alc 17)
(iii) «*uã ferir* aa varz(ea) (1321 Alc 17)
(iv) «*uã ferir* aa ponte» (1321 Alc 17)

As abonações quatrocentistas e quinhentistas exibem o verbo *ter* neste contexto, refletindo uma extensão tardia à noção de 'intersetar':

(v) «(…), e eſto do camjnho que uay da ponte noua pera o porto de Muja atee o Tejo e do camjnho pera çima a *ter* o camjnho de Meos» (1478 MA 122)

(vi) «(…) o quall aſentamento parte do abrigo com as cabaceeyrras, e de hy ſe vay a rrebeyrra (…) e da paarte do agujã vay *teer* ao outeyrro do careyrro e per hy affondo per o Vall de Froles e vay *teer* a ffonte » (1500 MA 136)

(vii) «e por quanto o dito moſteiro eſtaua ẽ poſſe de tanto tenpo que memoria dos homẽs nõ he ẽ contrairo, rreçeber e aver todalas couſſas que ſaem e vem *ter* aos portos e coſta do maar» (1515 SM 141)

(viii) «(…) aſy dos taes pexes rreaes como de todalas outras couſas que ſaẽ e vẽ *ter* haa coſta do dito maar» (1515 SM 141)

Como se pode inferir, o sujeito da oração não é a entidade que "tem", já que este é captado cognitivamente como a entidade que interseta, identificando-se o "objeto" intersetado com uma espécie de locativo. Eventualmente devido a essa ambiguidade, surge a perífrase "ir dar", cujo núcleo verbal se associa agora à noção de 'possuir', tratando-se de um exemplo único e tardio no *corpus* agora em estudo. Nesta construção, o sujeito da oração é, efetivamente, o sujeito de "dar", continuando a entidade que "recebe" a assumir a função de locativo:

(9) «ate *hir dar* nas teras llauradyças» (1541 Sal 152)

Atualmente, como é sabido, coexistem em variação livre os dois tipos de construção: «ir *ter* a» e «ir *dar* a». Curiosamente, constituem, quando extraídos destas expressões gramaticalizadas, dois predicados cujos conteúdos semânticos são funcionalmente opostos. Esta constatação constitui um argumento a favor da natureza cognitiva de alguns processos de gramaticalização, quando operados em expressões fraseológicas constituídas diacronicamente.

## 3. Conclusões

É possível que a transferência do sentido inicial de *ter,* aliado à perceção e obrigação de natureza moral (cf. "*ter* por bem"), para o domínio da posse concreta (eventualmente já verificada na língua latina) traduza uma mentalidade que anseia por controlar o mundo, pela conquista do que é material. O que parece depreender-se é que, com o avanço do Feudalismo, a dimensão axiológica de *ter* difundiu-se à noção de posse de bens materiais, concretos, como se a noção de 'ter, possuir bens' integrasse paulatinamente essa dimensão humana de âmbito moralístico. Os dados analisados permitem concluir que só a partir das décadas de 80/90 do século XV as percentagens de *teer* relativamente a *aver* começam a sobrepor-se, deixando de existir os documentos que continham *aver* em exclusividade. Tal sobreposição traduziu-se na transferência de *teer* para a esfera da posse "não-prototípica", invadindo decididamente a esfera dos complementos de predicado que traduzem AI (o complemento expressa qualidades morais, espirituais, intelectuais, afetivas, sociais). Entre aproximadamente o último quartel do século XIV e 1425/1430 deverá ter existido uma "pressão" normativa no sentido da *standardização* (caracterizada pelo *grau zero da escrita*) que obrigou a selecionar o verbo *auer* na documentação notarial.

Uma análise mais contextualizada permite concluir que aos deíticos temporais, locativos e anafóricos *áácima*, *hy*, *(h)ora*, *agora*, *enquanto*, ou ainda às expressões temporais «*do tempo* que», «*ao tempo que*» anda associado, nos contextos de posse de bens materiais adquiríveis (AM), o verbo *teer* e não *aver*. Por outro lado, ao longo do nosso *corpus*, foi comum a ideia de *teer* associada aos bens efetivos (ou que se assumem como efetivos no futuro) e de *aver* aos hipotéticos ou eventuais. Uma outra conclusão que este estudo permite extrair é a de que, no discurso notarial medieval, entre *direito*, *autoridade* e *poder*, houve uma gradação na escolha, cronologicamente faseada, do verbo *teer*, no sentido [+ controlável/alcançável] > [- controlável/alcançável]. Assim, se *direito* usufruiria desse predicado,

já no segundo quartel do século XV, *autoridade* só viria a angariá-lo na década de 90 e *poder* só no século XVI abandonaria a noção de posse mitigada, "espiritual". As restrições semântico-cognitivas ativadas pelo teste da anteposição do artigo a este último item lexical, ou seja, a forma como é captado cognitivamente este complemento de predicado (*ter o poder* mas **ter um poder*) atuaram na resistência ao verbo *ter*.

Enfim, pensamos não estar longe da verdade ao afirmar que os novos horizontes socioculturais soprados pelos ventos do Humanismo italiano, trazendo consigo uma nova crença no Homem e nas suas potencialidades, e acelerando o florescimento das línguas vernáculas em detrimento do latim, trouxeram, igualmente, com maior ou menor resistência, o triunfo de *ter* sobre *auer.* O grau extremo de abstração a nível de entidade possuída (e, por isso, da posse não-prototípica) – a alma humana, o que existe de mais espiritual – só em pleno século XVI admitiu o verbo *ter.* Como se sabe, a expressão "que Deus haja!" conserva-se ainda em algumas zonas rurais portuguesas, em variação com "que Deus tenha". Conserva-se, igualmente, o verbo *haver* em outras expressões cristalizadas: «bem *haja*!», «mal *haja*», ou ainda na expressão proverbial «Por bem fazer mal *haver*». Por outro lado, ao contrário do que acontece no Português europeu, na variedade brasileira do Português é o verbo *ter* que está presente nas expressões existenciais (ex: «*Tem* muita pobreza no mundo»), perpetuando assim, como ficou documentado, uma herança linguística dos tempos medievais.

## Referências

ALI, M. Said (1957) *Dificuldades da língua portuguesa. Estudos e observações*, 5ª edição. Rio de Janeiro: Livraria Académica.

BENVENISTE, Émile (1966). *Problèmes de linguistique générale 1.* Paris: N.R.F., Bibliothèque des sciences humaines.

CARVALHO, Maria José (2006) *Documentação medieval do mosteiro de Santa Maria de Alcobaça (sécs. XIII-XVI). Edição e estudo linguístico.* Dissertação de doutoramento apresentada à Faculdade de Letras de Coimbra.

CHEVALIER, Jean-Claude (1977) De l' opposition «aver-tener». In: *Cahiers de Linguistique Hispanique Médiévale.* Sous la direction de Jean Roudil. Publiés par le Séminaire d' Études Médiévales Hispaniques de l'Université de Paris-XIII, nº 2.

FERREIRA, José de Azevedo (1980-1981), Les verbes «haber», «tener» et l´emploi de l' anaphorique «y» dans «Le Libro de los gatos». In: *Boletim de Filologia*, tomo 26.

Garachana Camarero, Mar (1997) Acerca de los condicionamentos cognitivos y lingüísticos de la sustitución de «aver» por «ter». In: *Verba. Anuario Gallego de Filología*, vol. 24.

García Martín, José María (2001) *La formación de los tiempos compuestos del verbo en español medieval y clásico. Aspectos fonológicos, morfológicos y sintácticos*. Anejo nº XLVII de la Revista *Cuadernos de Filología*. Universitat de València: Facultat de Filología.

Harre, Catherine (1991) "*Tener" + Past Participle. A Case Study in Linguistic Description*. London and New York: Routledge.

Ribeiro, Ilza (1993) A formação dos tempos compostos: a evolução histórica das formas "ter", "haver" e "ser". In: Ian Roberts & Mary A. Kato (Orgs.), *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas, S.P., Editora da Unicamp, p. 343-386.

Sampaio, Maria Lúcia Pinheiro (1978) *Estudo diacrônico dos verbos TER e AVER, duas formas em concorrência*. São Paulo: Assis.

Seifert, Eva (1930) "Haber" y "tener" como expresiones de la posesión en español. In: *Revista de Filología Española*, tomo 17 (3 e 4), Madrid.

Silva, Rosa Virgínia Mattos de (1995) Variação e mudança no português arcaico: "ter" ou "haver" em estruturas de posse. In: *Miscelânea de estudos lingüísticos, filológicos e literários in Memoriam Celso Cunha.* Org. por C. Pereira e P. Pereira. São Paulo: Ed. Nova Fronteira.

Silva, Rosa Virgínia Mattos e (2002a) Vitórias de " ter" sobre "haver" nos meados do século XVI: usos e teoria em João de Barros. In: Rosa Virgínia Mattos e Silva & Américo Venâncio Lopes Machado Filho (orgs.), *O Português quinhentista: estudos lingüísticos.* Salvador/Feira de Santana: Editoras da UFBa/UEFs, p. 121-141.

Silva, Rosa Virgínia Mattos e (2002b), A variação "ser/estar" e "haver/ter" nas cartas de D. João III entre 1540 e 1553: comparação com os usos coetâneos de João de Barros. In: Rosa Virgínia Mattos e Silva & Américo Venâncio Lopes Machado Filho (orgs.), *O Português quinhentista: estudos lingüísticos.* Salvador/Feira de Santana: Editoras da UFBa/UEFs, p. 143-160.

Torres, Amadeu (1997) Na pista do Prof. Azevedo Ferreira: os verbos "ter" e "haver" em dois cartulários nortenhos. In: *Actas do XII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística (Braga-Guimarães, 30 de Setembro a 2 de Outubro de 1996).* Editadas por Ivo Castro. Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística, vol. 2, p. 303-313.